

## DO INFERNO AO PARAÍSO: A JORNADA DE JUVENAL EM ETERNIDADE DE FERREIRA DE CASTRO

José N. Ornelas

University of Massachusetts – Amherst

Neste trabalho, as palavras paraíso e inferno não devem ser entendidas no seu sentido religioso ou bíblico; referem-se simplesmente a dois estados ontológicos distintos de Juvenal, o protagonista de *Eternidade* de Ferreira de Castro. Nesta obra, publicada em 1933, a personagem principal evolui de um estado negativo e pessimista a outro que é positivo e otimista. O inferno simboliza o seu estado inicial que se caracteriza por uma visão absurda e angustiante da realidade circundante, e o paraíso associa-se ao estado final a que chega Juvenal depois de uma longa jornada espiritual que o transforma interiormente, e o possibilita de escapar da caverna platônica com seu mundo de sombras. A jornada, que tem um foco interior, também é um confronto do protagonista consigo mesmo, confronto que lhe proporciona a entrada num mundo ideal, onde pode apreender o significado da palavra eternidade, que propositadamente serve de título à obra de Ferreira de Castro. Neste trabalho propomos uma análise dos parâmetros que ditam a transformação de Juvenal, e que lhe revelam o caminho apropriado a seguir para poder escapar ao vazio espiritual da sua existência limitada por circunstâncias temporais, e encontrar finalmente a suprema independência perante o tempo.

Em *Eternidade*, como na maioria das obras de Ferreira de Castro, o herói atravessa um ciclo que começa na escuridão e termina na luz, ou melhor ainda, na revelação apoteótica do significado da vida e da missão temporal de cada homem na Terra. Este ciclo também o atravessou Ferreira de Castro entre 1930 e 1932. O trauma pessoal do autor é causado pela morte, em 1930, de Diana de Liz, a mulher com quem vivia. A morte da companheira le-

vou-o a uma grande crise moral e espiritual. Em 1932 encontramos o escritor na Madeira procurando recuperar a sua saúde espiritual. *Eternidade* como indica o crítico Álvaro Figueira Gomes foi escrito numa pequena freguesia da ilha. "Foi *Eternidade* na sua maior parte gizado e escrito na solidão e na paz de Santana — freguesia onde Ferreira de Castro, por largo tempo, estacionou, refazendo-se física e espiritualmente de uma crise moral gravíssima"<sup>1</sup>. Juvenal também viaja à Madeira para refazer-se duma crise idêntica à de Ferreira de Castro. Como o escritor ele procura recuperar a sua saúde espiritual por causa da morte da mulher, Helena. Devido a este paralelismo entre a vida do autor e a do protagonista, a obra tende a ser, em muitos aspectos, autobiográfica. *Eternidade* é a transposição do drama pessoal e real do autor para um plano estético. Neste sentido, o romance é análogo a *Emigrantes* (1928) e *A selva* (1930), obras anteriores que reproduzem artisticamente certas facetas da vida pessoal do escritor.

Juvenal, no princípio da obra e ao contrário de outros heróis da ficção de Ferreira de Castro, não é um indivíduo problemático porque a sociedade burguesa impõe penosas limitações ao seu desenvolvimento como ser humano. Os problemas sócio-econômicos, no contexto da sua realidade, ocupam um lugar secundário. Embora posteriormente se sinta alienado porque não está significativamente relacionado com a realidade sócio-econômica, de início a realidade destacada é totalmente de caráter ontológico. A sua desintegração espiritual resulta das muitas interrogações sem solução que tem de enfrentar depois da morte da companheira. A morte desperta nele a sensação do falso e do absurdo na vida, e, como consequência, a sua vivência caracteriza-se por um desespero ontológico perante a insignificância da vida. A consciência da própria finitude da vida leva Juvenal a um profundo estado de depressão. Também se sente como um preso num âmbito sem saída, e exaspera-se por não poder mudar a existência controlada por forças alheias, como o tempo linear, que conduzem à aniquilação total do ser humano. A transitoriedade da vida, o fim inexorável do homem ocasionam certos acessos de ódio, desespero e raiva no protagonista. Estes paroxismos emocionais, além de serem uma reação contra a vida que de insignificante passa a uma vivência destituída de qualquer valor, são também uma reação contra a impotência individual de Juvenal em não conseguir mudar as

circunstâncias vitais da existência. O seu desejo é precisamente transgredir a realidade humana e todos os limites impostos nele por ser homem. Mas enquanto ele quer abandonar o tempo para tornar-se numa dimensão, atemporal, a morte de Helena recorda-lhe que está circunscrito ao humano, à dor e à finitude de todos os atos<sup>2</sup>. "The brute force of death denies once and for all the reality of a non-repressive existence. For death is the final negativity of time"<sup>3</sup>.

Embora a morte lhe reve a sua impotência para transformar a condição humana, continua atormentado pela necessidade de libertar-se dos seus próprios limites, e saltar por cima das barreiras do tempo e do espaço. Existe em Juvenal um conflito que oscila entre o desejo instintivo de imortalidade e a compreensão racional do absurdo e não-significado da vida. Apesar desta compreensão a razão continua a formular teorias que justifiquem essa ânsia de viver instintiva, e que indiquem ao ser humano o caminho a seguir para atingir o absoluto. A razão não faz mais do que obedecer aos instintos. Estes são inicialmente a sua única defesa contra o inferno espiritual em que se encontra. No entanto, deixar-se guiar pelos instintos implica uma atitude egoísta em relação com o resto do universo. Esta sua etapa instintiva assume duas fases distintas: a luta pela sobrevivência e a satisfação dos desejos mais torpes. Embora sejam duas fases distintas elas estão intimamente relacionadas. Ambas são egoístas, e têm como objetivo um desejo de domínio (a vida talvez?) e de fuga à impotência ocasionada pela visão vívida da morte.

Todos os encontros sexuais que Juvenal tem com várias mulheres (prostitutas, Elizabeth em Londres, Renée na Madeira) são uma reprodução da relação que existe entre ele e o universo. Da satisfação dos seus desejos sexuais está excluído o amor. A satisfação é completamente egoísta: harmoniza-se com a sua relação com a sociedade. Pode dizer-se que depois da morte de Helena, ocasião em que fica interdito qualquer relação de Juvenal com a sociedade, ele encontra o sentido da existência no plano mais reduzido e mais imediato do erotismo. Os momentos em que apreende o sentido da existência são sempre efêmeros. Terminam quando se concretiza o ato sexual, e o homem perde o domínio sobre o objeto sexual. Como consequência o ser humano volta ao seu estado anterior de fraqueza e de impotência<sup>4</sup>. Por exemplo o



encontro sexual de Juvenal com Renée, na ilha da Madeira, caracteriza-se pelos parâmetros que definem todo o amor erótico. "Minutos depois o corpo que repousava enlaguescido, junto do dele, perdera toda a sedução. Dera-lhe prazer, mas não lhe criara nenhum sentimento de ternura. Nem sequer ele deixara sobre o seu colo, após o desfalecimento, um dos braços. Estavam pertinho um do outro e, contudo uma larga separação se produzia entre eles. A volúpia existira apenas durante o ato; não se prolongara, espiritualmente, no período de quebrantamento, como lhe sucedia com Helena" (p.69).

O erotismo não é a solução indicada para a situação difícil em que se encontra. A solução, na visão do mundo de Ferreira de Castro, reside num relacionamento não-egoísta com o resto da humanidade. No entanto, o próprio autor frisa que é necessário descer ao inferno do extremo individualismo (satisfação erótica do eu e consciência profunda dum eu fragmentado e absurdo) para que o homem seja constringido a dar um novo rumo à sua vida. Cada ser humano tem de descer metaforicamente ao inferno, na sua jornada espiritual através da vida, para poder compreender exatamente os limites do eu. De acordo com Juan Villegas, em *La estructura mítica del héroe*, a descida ao inferno equivale à marginalização do indivíduo, e implica a idéia do morrer-renascer. No momento em que o homem desce ao mais profundo do inferno e se enfrenta com a própria morte, adquire a coragem para mudar a sua vida. Por conseguinte, renasce<sup>5</sup>. São nestes confrontos com situações extremas, não necessariamente análogas à de Juvenal, que se revela o *Homme-grandeur* Pascaliano. A grandeza refere-se à capacidade de sacrifício do ser humano, coragem, dor e sofrimento, piedade, dedicação em prol da sociedade e qualquer ação que melhore a condição humana. Todas estas qualidades inatas ao homem, e também será capaz de recusar-se à submissão das forças que lhe negam a sua dignidade.

As vozes infernais que encontra no seu mundo subterrâneo e que lhe revelam a fragmentação e a não-permanência do eu são uma metáfora da inquietude do homem. Também são as forças interiores que o incitam a evoluir e a crescer. O ciclo da sua vida depois da fase descensional, e precisamente por causa dessa fase, começa o seu processo ascensional. A ascensão para a meta final não é fácil. Tem de ultrapassar muitos obstáculos e caminhos sinuosos.

A sua vida será um conflito incessante entre participar ou não-participar na comunidade do homem, aderir ou não-aderir à revolta na Madeira em benefício dos trabalhadores, aceitar ou não-aceitar certos acontecimentos como indicativos de que a vida tem significado e finalmente ver ou não-ver no filho que vai ter com Elizabeth uma continuação do seu espírito. Portanto um aspecto positivo da evolução do homem no mundo.

Nos meses posteriores à morte de Helena, a vida de Juvenal só se compreende como uma defesa desesperada duma identidade estritamente individual, mas com a sua nova fase ascensional que todavia inclui certos rasgos individuais a sua existência já não exclui uma forma de comunhão ou enriquecimento com outros seres humanos. O protagonista não é estranho a este tipo de comunhão ou reintegração na sociedade para promover a dignidade do homem. Antes do seu trauma estava na vanguarda do grupo de pessoas que combatiam as iniquidades e a injustiça da sociedade, e trabalhavam para a promoção do homem e a evolução duma sociedade estática e reacionária. Ao assumir outra vez esta atitude de lutador dá outra dimensão à sua existência. De Juvenal podemos dizer o mesmo que diz Violet M. Horvarth sobre as personagens de André Malraux no seu livro, *André Malraux: The Human Adventure*. "It is the hero's growing awareness of his own power to act to change the world in which he lives that marked the beginning of his ascent from hell. 'Effecting change' as an attempt to create a better world emerges as the only positive way of lending meaning to both life and death, and by extension of transforming absurdity into significance"<sup>6</sup>. Embora o protagonista não o saiba é esta nova dimensão existencial de características ético-sociais que lhe dá a solução ao dilema ontológico.

A indecisão de Juvenal em assumir exclusivamente esta dimensão ético-social está em perfeita consonância com a visão que Heidegger tem do homem. Tanto este filósofo como Ferreira de Castro vêem a existência de maneira idêntica: o eu emerge do nada mas somente descontinuamente e com grande incerteza. No entanto, os heróis de Ferreira de Castro mesmo dentro da sua atitude hesitante, como é o caso de Juvenal, ininterruptamente buscam a continuidade e a certeza. Em *Eternidade* as noções de continuidade e de unidade do homem contemporâneo perdido dentro dum mundo fragmentado e absurdo expressam-se através de caracte-



rísticas comuns a todos os indivíduos. Estas características são a fraternidade, solidariedade, compreensão, amor e luta unidos contra as forças opressoras. Todas elas preparam o caminho para uma reconciliação com os limites ineludíveis da condição humana.

Juvenal, com o desenvolvimento da narrativa, aceita mais e mais a luta pela dignidade do homem como uma das múltiplas missões da vida e possivelmente a mais importante de todas. Continuamente trata de elevar a consciência social das pessoas com quem contacta. Na sua posição de engenheiro, a cargo da rearboração das serras da Madeira, Juvenal incita os seus trabalhadores a unirem-se porque têm o mesmo destino, a buscarem o que têm em comum e não o que os diferencia e a aderirem a uma união fraternal e solidária para promoção da raça humana. John C. Gillespie, em "A dignidade do homem", menciona que a atitude de Juvenal é a única que é correta para o ser humano, porque está a cumprir com as suas obrigações. "Todos nascemos na miséria, mas uns, por serem privilegiados pela situação social, esquecem-se deste fato, e outros descuidam-no intencionalmente. Mas este esquecimento não tem sentido, porque não é pelo proveito material, é também contra a essência passageira da nossa condição humana e nessa luta devem participar todos os homens porque têm o mesmo fim"<sup>7</sup>. A nova ideologia do protagonista tem como objetivo a desalienação do ser humano que resulta da desigualdade da distribuição de benefícios sociais e da falta de controle do povo sobre os meios de produção. A relação dialéctica que existe entre Eternidade, como obra de arte, e a realidade circundante visa a uma reforma da sociedade. O seu propósito é a construção duma outra sociedade que supere as contradições da actual.

Nesta nova fase há uma reorientação da vida de Juvenal para um renascimento de actividade social e de responsabilidade individual. Embora de vez em quando ele tenha os seus momentos de depressão e de angústia, ele adapta-se mais e mais à realidade circundante. O objetivo da sua actividade, no entanto, não é unicamente a adaptação à realidade. Visa a dimensão do possível, outra realidade que está para além de actual. A dimensão do possível tem como centro a evolução das possibilidades de transcendência da condição humana e a transformação da consciência social e a realidade<sup>8</sup>. A sua ação, no desenvolvimento des-

ta dimensão, resulta de dois fatores importantes. Primeiro, sente-se cada vez mais unido com os outros elementos do mundo através dum destino comum, união que o faz menos egoísta e efetua contínuas interações de si para os outros e vice-versa. Segundo e seguindo a sua postura anterior (antes da morte de Helena), recusa-se a reconhecer quaisquer forças de opressão, porque nesse reconhecimento está implícita a noção do seu aceiteamento da destruição da possibilidade do melhoramento da condição humana. Na sua opinião, qualquer fase histórica que atravesse o homem é puramente transitória, inclusive a presente. A sua visão histórica é, por conseguinte, a de um fluxo contínuo onde cada nova procura superar as contradições do período anterior. Ele acredita que a obra do homem na evolução histórica "tornar-se-ia cada vez mais prodigiosa, ua conquista desencadearia outra conquista e, no trabalho intermimo, na ânsia de ir mais longe, excederia tudo quanto teria podido imaginar o mais visionário dos seus antepassados" (p.147).

Juvenal assume o liderato da revolta dos trabalhadores da Madeira que lutam para melhorar as condições de suas vidas, porque considera que sua ação é um passo positivo na reorientação da sociedade para a dimensão do possível. Esta dimensão só pode ser atingida se o homem lutar contra a imanência e o estatismo da sociedade. São precisamente estes aspectos negativos que a revolta visa. Como consequência da sua ação Juvenal é ferido, posto na posição e finalmente deportado para a ilha do Sal em Cabo Verde. O seu heroísmo e o seu sacrifício em prol da luta dos trabalhadores não só reorientam a sociedade para outra dimensão mas também levam a uma transformação mais profunda do eu absurdo e egoísta do protagonista noutro com qualidades éticos-sociais superiores. Através duma expansão mágica do eu, Juvenal aproxima-se duma integração numa estrutura em que cabe toda a humanidade. Os sacrifícios em benefício da sociedade unem-no a outros seres, e, conseqüentemente, apontam a uma superação do eu individual restrito a seus precisos limites físicos e temporais.

O sacrifício de Juvenal, de acordo com uma das idéias centrais da maioria das cosmogonias, equivale à criação e evolução do ser humano. Ao mesmo tempo, o sacrifício é um dos caminhos indicados para a salvação<sup>9</sup>. Naturalmente as autoridades locais da



Madeira discordam completamente destes conceitos cosmogônicos. Não aceitam a ação de Juvenal como luta para a evolução e a criação do homem. Ao contrário aceitam-na como ação contrária aos interesses da sociedade e à própria evolução do ser humano. Referindo-se à revolta o diário governamental reporta que "mais uma vez se demonstrou que o nosso povo, tradicionalmente bom e pacífico, só manejado por elementos perniciosos, que perderam o amor à sua terra e à sua gente, se deixa arrastar para desmandos como o de ontem" (p.249). Esta interpretação da revolta frisa a ideologia dominante do sistema vigente. A ideologia é um sistema de valores e crenças que autogeneram as sociedades, cujas estruturas têm relações de exploração, com o propósito de justificar a sua própria estrutura material de exploração. Nestes sistemas a dimensão humana do possível é fundamentalmente reduzida, e o homem actua e vive exclusivamente de acordo com a dimensão de adaptação à realidade. É impossibilitado, portanto, de viver e atuar dentro da dimensão da transcendência.

Embora o processo de transformação de Juvenal continue devido à sua não-conformidade, à sua luta contra uma vida absurda limitada por circunstâncias espaço-temporais e ao seu não-aceitamento do mundo social atual, no entanto, ele ainda não se enquadra dentro dos parâmetros da dimensão do possível ou da transcendência. É unicamente quase no fim de Eternidade que se define social e psiquicamente por esta dimensão. Certos fatores contribuem para esta definição, nomeadamente o amor que Elizabeth lhe dedica e que ele recíproca, e o filho que ele e Elizabeth vão ter.

Elizabeth e Juvenal são velhos amigos. Conheceram-se quando Helena ainda vivia, depois da morte da mulher ele visitou-a na Inglaterra, e Elizabeth visitou-o na Madeira quando ele estava a cargo da rearborização das serras da ilha. Depois de Juvenal ter sido preso ela regressa à Madeira para compartilhar definitivamente a sua vida com ele, e vai acompanhá-lo no seu degredo para o Sal. No primeiro encontro entre ambos na prisão Elizabeth chama-lhe meu amor. Ao ouvir estas palavras Juvenal tem a sensação que elas "Significam todo o mundo inteiro, a vida e a morte, toda a eternidade. Ele sabia que eram essas que ela pronunciara, mas o seu próprio calor, lembrava-lhe outras, que vinham de longe, ditas por outra boca a de Helena com a mesma sinceridade arrebatada; que vinham de longe, mas, agora, para uma suave fusão, que a vida pa-

recia impor dum modo ao mesmo tempo confortante, melancólico e irremediável" (p.262). A impressão causada pelas palavras emitidas por Elizabeth leva o protagonista a admitir a possibilidade que a distinção entre o tempo e a eternidade é somente aparente. As palavras podem relacionar-se com a vida e a morte, mas também transcendem a realidade existencial e temporal ao associarem-se simbolicamente com a eternidade. Ao mesmo tempo, a fusão da ação de Elizabeth com ações idênticas de Helena cria a impressão que todo o ser humano está vinculado estrutural e geometricamente às vidas de outros indivíduos. E seguindo esta lógica podíamos dizer que a vida do homem existe fora do tempo e do espaço e mais além dos limites da razão e da consciência, e que o indivíduo participa, portanto, da imortalidade e da eternidade através da unidade e da continuidade com outros seres humanos.

Prosseguindo este caminho Juvenal tem de apreender eventualmente o verdadeiro significado das palavras imortalidade e eternidade. A percepção destas duas palavras finalmente ocorre quando Elizabeth lhe comunica que vai ter o seu filho. Inicialmente a sua atitude em relação a esta notícia é céptica. Não quer o filho da mulher com quem está ligado agora porque não vê nele a possibilidade da evolução do homem na Terra e da superação da condição humana. Ao contrário fica horrorizado por ser um instrumento da perpetuação da condição humana. Esta atitude céptica, no entanto, é momentânea. De repente "voltava a parecer-lhe que a notícia, chegada com a violência duma pedra, se adaptava, enfim, à terra onde caíra e se cercava de justificações e de esperanças, como as sementes que o vento traz" (p.273). A realização do verdadeiro significado do filho leva-o ao arrependimento da sua renúncia à vida, idéia implícita na sua vacilação. Também faz com que deseje compartilhar, através do seu filho, no contínuo renascimento cíclico de toda a humanidade. Vê no filho os aspectos positivos do destino do homem e uma fonte de esperança no mundo. "O mundo será cada vez melhor e nós havemos de ensinar o nosso filho a amar a Humanidade e a ter sobre a vida um conceito elevado. Ele será o prolongamento do nosso espírito" (p.274). Nestas palavras ditas a Elizabeth nota-se que o protagonista finalmente encontra a solução da transcendência da condição humana. Reconhece também o verdadeiro sentido das palavras imortalidade e



eternidade. É o filho que o elucidava sobre o eterno no homem e, por conseguinte, a não-relatividade do ser humano.

Na nova visão do mundo de Juvenal, o filho é a continuação da ponte de seres humanos que incessantemente lutam para criar uma sociedade universal, onde haja dignidade e honra para o homem. Mas a ponte começou há muitos anos, e há-de continuar por muitos mais. A consciência deste fato faz com que o protagonista sinta uma fusão que abrange distintos níveis temporais e espaciais com outros seres humanos. Este contato com outros permite-lhe ser um com a humanidade (o seu eu reúne em si toda a humanidade) através da solidariedade com o sofrimento do homem. Sofre porque "a todas as horas, o mundo estava cheio de dor, cheio de miséria e de frio nos corpos e nas almas" (p.274). Da mesma maneira, e através doutro salto temporal, sofre com o "primeiro sofrimento que houve na terra" (p.274). A fusão com o resto da humanidade por intermédio da dor e da piedade por todos os que sofreram, sofrem e sofrerão implica a salvação para Juvenal de acordo com Pascal. Este filósofo fez que a piedade e a dor são atos que revelam a grandeza do homem, uma grandeza que lhe dá a salvação e, por conseguinte, a eternidade. Também dentro dum contexto filosófico e não religioso o protagonista encontra simbolicamente a eternidade. Ao efetuar a união dos momentos separados (presente, passado e futuro) repudia o conceito linear e convencional do tempo. O passado e o futuro unem-se ao presente num tempo eternamente atual e sem tempo, e o homem, eternamente unido através do tempo e do espaço com outros homens, participa da imortalidade. Produz-se a expansão do eu de Juvenal, que se liberta de sua individualidade para ser todos os homens ao mesmo tempo.

A vinculação de Juvenal com o resto da humanidade proporciona um certo sentido de continuidade e unidade entre o passado, presente e futuro tanto no nível individual como no histórico. Por outro lado essa fusão também cria, em *Eternidade*, a impressão de que todos os homens participam num mundo estruturado ciclicamente onde todos os destinos humanos se repetem continuamente. Conseqüentemente este conceito pode implicar certas afinidades entre a mundividência de Ferreira de Castro e a ideologia Nietzscheana. Nada, no entanto, está mais longe da verdade. Pode haver repetição dos ciclos humanos mas há progresso contínuo,

não só uma repetição do mesmo. Na opinião do autor, o progresso culminará na criação duma sociedade de justiça e paz, e na destruição da morte física e do tempo. A visão de Ferreira de Castro é, portanto, oposta à de Nietzsche. Não acredita como o filósofo alemão na lei inexorável da recorrência eterna da história. Para ele a história tem uma direção evolucionar, e cada ciclo humano implica uma transformação das contradições do ciclo anterior até que todas finalmente se resolvam. Por esta razão contempla no futuro uma sociedade sem classes e, por conseguinte, uma suspensão da dialética da história, idéia esta que sugere uma dimensão eterna da sociedade. Dentro deste contexto a interrupção da marcha dialética do tempo é inevitável<sup>10</sup>. Serão estas teorias hegelianas e marxistas que levam Ferreira de Castro a contemplar esse mundo eterno do futuro, um mundo sem iniquidades e absurdos e baseado na inteligência, fraternidade, justiça e amor? Provavelmente sim.

*Eternidade*, como a maioria dos romances de Ferreira de Castro, tem como objetivo a transformação do próprio mundo. Embora a jornada de Juvenal termine com a sua deportação, portanto uma derrota política, ela está em perfeita consonância com os parâmetros filosóficos do autor. O protagonista que luta contra o imobilismo e a cristalização na sociedade, não só se enquadra dentro da ideologia de Ferreira de Castro, mas também alcança uma vitória simbólica. O êxito da jornada do protagonista confere ao romance uma ideologia oposta à de muitas obras literárias deste século. Nestas obras não há jornada. Esta já terminou antes do escritor começar o livro, e terminou no absurdo. Os heróis confrontam-se com o absurdo, mas já sabem de antemão que o absurdo persistirá. É a condição da sua vida, e aceitam-na como um fato inevitável<sup>11</sup>. Mas Horkheimer, no seu livro, *Critical Theory*, postula que esta característica negativa é axiomática da arte contemporânea, e que, por conseguinte, as obras de arte recente "abandon the idea that real community exists; they are the monuments of a solitary and despairing life that finds no bridge to any other or even to its own consciousness"<sup>12</sup>. Ferreira de Castro, como homem e como escritor, revolta-se contra a resignação a esta vida solitária, absurda e desesperada do herói contemporâneo. Os seus personagens têm múltiplas possibilidades na vida, e as suas existências são enriquecidas com outras vidas, outros mundos. Todos eles procuram outros indivíduos através de qualidades que os



unem como a fraternidade, solidariedade, compreensão e amor. Deste modo conseguem transcender a sua condição humana.

No início de *Eternidade* há um sentido agudo de solidão intensificado por uma percepção angustiada das limitações humanas. No entanto, o romance não termina com esta visão negativa. Ao contrário, a jornada de Juvenal termina com a sua vitória aparente e com uma visão positiva da vida. Embora a vitória exista unicamente no plano do imaginário ela existe de qualquer maneira, e substitui a derrota visionada no início da obra. É o protesto de Juvenal contra o seu universo, contra o seu destino que lhe proporciona a fusão com outras consciências. É a sua luta contra a sociedade vigente que lhe revela a possibilidade da superação da presente estrutura da sociedade e da transformação da consciência social e a realidade.

Em *Eternidade*, Ferreira de Castro manifesta uma profunda consciência da dinâmica da sociedade. Tem bem claras a historicidade e a capacidade de evolução típicas de cada sociedade, aspectos estes sumamente evidenciados nos temas que trata na sua obra. Todo o homem, para o autor, potencialmente pode evoluir a sua inteligência e a sua sensibilidade, de maneira que a experiência adquirida enriqueça e modifique a sociedade. É esta crença no homem que justifica, na obra de Ferreira de Castro, a criação dum mundo com capacidade de responder aos desafios das circunstâncias através da elaboração de novos módulos de adaptação. É também esta crença que leva o escritor a hipostasiar uma sociedade ideal e definida pela superação de todos os conflitos humanos. Tendo em conta esta postura ideológica podemos, portanto, relacionar a visão histórica do homem de Ferreira de Castro com a de Santo Agostinho. Ambos aceitam a história como interação e conflito entre duas forças antitéticas: o bem e o mal. Ambos visionam a resolução da dicotomia bem-mal em favor das forças do bem. E finalmente ambos acreditam que o homem será recompensado com a Cidade de Deus devido à vitória das forças do bem. No prólogo de *Eternidade* Ferreira de Castro descreve a sua Cidade de Deus, ou melhor ainda, a sua sociedade ideal da seguinte maneira. "Eu queria ser eterno como tu [o homem], no teu mundo de fraternidade e de inteligência, onde já não existirão as iniquidades, as dores inúteis e os absurdos que, hoje, se expõem sobre a terra, maculando e diminuindo a sua beleza original. Eu sei que esse mundo

criado pela evolução humana, aberto pelo gênio da espécie, virá a existir; sei que te apossarás do Universo, que dominarás os seus segredos e as suas leis, que te tornarás senhor da vida e que matarás a morte" (p. 14).

## NOTAS

- 1 — FIGUEIRA GOMES, Alberto, "Ferreira de Castro e a Madeira", in *Livro do Cinquentenário de Vida Literária de Ferreira de Castro*. Lisboa, Portugal Editora, 1967, p.38.
- 2 — FERREIRA DE CASTRO, José Maria, "Eternidade", in *Obra Completa de Ferreira de Castro*, II, Rio de Janeiro, Editor José Aguilar, 1959, p.64. Todas as referências seguintes a *Eternidade* serão incluídas no texto.
- 3 — MARCUSE, Herber. *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. New York, Vintage Books, 1962, p.41.
- 4 — Vide GOLDMANN, Lucien. *Para una sociología de la novela*. Madrid, Editorial Ayuso, 1975, p.88-90. Este crítico, na sua análise da obra de André Malraux, aponta certos aspectos do erotismo dos heróis do escritor francês, aspectos do erotismo dos heróis do escritor francês, aspectos estes que também se encontram na obra de Ferreira de Castro. Este paralelismo entre os dois escritores não é pura coincidência. Muitos críticos portugueses e estrangeiros têm apontado certas influências de Malraux sobre a visão do mundo do escritor português.
- 5 — VILLEGAS, Juan. *La estructura mítica del héroe*. Barcelona, Editorial Planeta, 1978, p.226-228.
- 6 — HORVARTH, Violet. *André Malraux: The Human Adventure*. New York, New York University Press, 1969, p.4.
- 7 — GILLESPIE, John C. "A Dignidade do Homem", in *Livro do Cinquentenário de Vida Literária de Ferreira de Castro*. Lisboa, Portugal Editora, 1967, p.38.
- 8 — GOLDMANN, Lucien. *Cultural Creation in Modern Society*. Saint Louis, Telos Press, 1976, p.57.
- 9 — GIRLOT, J. E. *A Dictionary of Symbols*. New York, Philosophical Library, 1962, p.264.
- 10 — MEYERHOFF, Hans. *Time in Literature*. Los Angeles, University of California Press, 1955, p.98.
- 11 — SYPHER, Wylie. *Loss of the Self in Modern Literature and Art*. New York, Vintage Books, 1962, p.154-158.
- 12 — HORKHEIMER, Max. *Critical Theory*. New York, Herder and Herder, 1972, p.279.